



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XII

VANUSA DOS REIS RODRIGUES AZEVEDO

**A CONTRIBUIÇÃO DO MOVIMENTO PELA SOBERANIA POPULAR
NA MINERAÇÃO NO ALTO SERTÃO DA BAHIA**

Guanambi/BA

2018

VANUSA DOS REIS RODRIGUES AZEVEDO

**A CONTRIBUIÇÃO DO MOVIMENTO PELA SOBERANIA POPULAR
NA MINERAÇÃO NO ALTO SERTÃO DA BAHIA**

Artigo apresentado a Universidade do Estado da Bahia - UNEB,
Campus XII, como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Educação do Campo.

Orientadora: Prof.^a Ma. Eugênia da Silva Pereira.

Linha de pesquisa: Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos
e Movimentos Sociais

Núcleo de Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire -NEPE

Guanambi/BA

2018

VANUSA DOS REIS RODRIGUES AZEVEDO

**A CONTRIBUIÇÃO DO MOVIMENTO PELA SOBERANIA POPULAR
NA MINERAÇÃO NO ALTO SERTÃO DA BAHIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação do Campo a Universidade do Estado da Bahia - UNEB, *Campus XII*, sob a orientação da prof.^a Ma. Eugênia da Silva Pereira.

Aprovação realizada no dia ____ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Eugênia da Silva Pereira – UNEB *Campus XII*

Orientadora

Prof.^a Ma. Priscila Teixeira da Silva - UNEB *Campus XII*

Examinadora

Prof.^a Miléia Santos Almeida - UEFS

Examinadora

Dedico a todas as pessoas que participaram de mais essa etapa de formação acadêmica em minha vida. E, em especial, aos professores, professoras e colegas que colaboraram diretamente no processo para meu aprendizado.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, pela saúde, força e perseverança na realização deste trabalho. Ao *Campus XII*, por proporcionar um espaço acolhedor, respeitoso e aconchegante.

Também, a minha família, minha filha Adriana, meu esposo Jerre e minha mãe Eunice, pelo apoio, pela força e incentivo nos momentos de frustrações e desmotivação.

A professora orientadora Eugênia, a quem posso tratar como amiga por seu empenho e dedicação em orientar de forma simples, segura e profissional.

Aos colegas pela paciência e respeito as individualidades.

Aos professores e professoras, ao coordenador do curso por mais esta oportunidade de aprendizado e formação nesta área do conhecimento de tamanha relevância para a conquista de respeito e valorização da população do campo.

As monitoras da ciranda por estar sempre à disposição, acompanhando e zelando de minha filha durante todo processo.

Agradeço aos militantes do MAM que disponibilizaram seu tempo para contribuir com a pesquisa, mas, sobretudo, por estar em luta em defesa do povo do campo.

Mudar em movimento,
mas sem deixar de ser
o mesmo ser que muda.
Como um rio.
(Thiago de Mello)

RESUMO

A expansão da exploração mineral no Brasil tem causado muitos conflitos e problemas para a população, sobretudo, o povo do campo. Em contraposição têm surgido organizações, como o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM) para lutar enquanto coletivo na resistência dos projetos de desenvolvimento que desconsidera a vida. Neste sentido, este artigo analisa as contribuições do MAM no enfrentamento dos conflitos e na organização coletiva na região do Alto Sertão da Bahia. O objetivo foi discutir os problemas e conflitos causados pela mineração a partir do histórico da constituição do MAM no Brasil, identificando as principais ações do movimento na região. O estudo partiu da abordagem qualitativa de pesquisa com utilização de entrevistas semiestruturadas com quatro militantes do movimento, sendo duas mulheres e dois homens. A pesquisa mostra como o trabalho do MAM no Alto Sertão vem se consolidando em meio as adversidades e desafios que os movimentos sociais enfrentam para garantir o direito à terra dos trabalhadores e trabalhadoras rurais e o respeito pela vida no campo. Os resultados apontaram que o MAM tem lutado pela soberania dos povos do campo, enfrentando os problemas junto com as comunidades e incentivado o respeito e a importância da valorização da vida em sua plenitude.

Palavras-chave: MAM. Conflitos. Alto Sertão da Bahia. Mineração.

RESUMEN

La expansión de la explotación minera en Brasil ha causado muchos conflictos y problemas para la población, sobre todo, el pueblo del campo. En contraposición ha surgido organizaciones como el Movimiento por la Soberanía Popular en la Minería (MAM) para luchar como colectivo en la resistencia de los proyectos de desarrollo que desconsidera la vida. En este sentido, este artículo analiza las contribuciones del MAM en el enfrentamiento de los conflictos en la región del Alto Sertão Baiano. El objetivo fue discutir los problemas y conflictos causados por la minería a partir del histórico de la constitución del MAM en Brasil, identificando las principales acciones del movimiento en la región. El estudio partió del abordaje cualitativo de investigación con utilización de entrevistas semiestructuradas con cuatro militantes del movimiento, siendo dos mujeres y dos hombres. La investigación muestra cómo el trabajo del MAM en el Alto Sertão viene consolidándose en medio de las adversidades y obstáculos que los movimientos sociales enfrentan para garantizar el derecho a la tierra de los trabajadores y trabajadoras rurales y el respeto por la vida en el campo y la dignidad social. Los resultados apuntaron que el MAM ha luchado por la soberanía de los pueblos del campo, enfrentando los problemas junto con las comunidades e incentivando el respeto y la importancia de la valoración de la vida en su plenitud.

Palabras clave: MAM. Conflictos. Alto Sertão da Bahia. Minería.

SUMÁRIO

1	PRIMEIROS PASSOS: PALAVRAS INTRODUTÓRIAS -----	9
1.1	Caminho Metodológico -----	12
2	OS PROBLEMAS DA MINERAÇÃO NO BRASIL: RIQUEZAS OU CONTRADIÇÃO? -----	13
3	HISTÓRICO DO MOVIMENTO PELA SOBERANIA POPULAR NA MINERAÇÃO -----	16
4	O MAM NO ALTO SERTÃO BAIANO: LUTAS E CONQUISTAS -----	21
5	A CAMINHADA CONTINUA: PALAVRAS FINAIS -----	27
	REFERÊNCIAS -----	29
	APÊNDICE -----	30

A CONTRIBUIÇÃO DO MOVIMENTO PELA SOBERANIA POPULAR NA MINERAÇÃO NO ALTO SERTÃO DA BAHIA

Vanusa dos Reis Rodrigues Azevedo¹

RESUMO

A expansão da exploração mineral no Brasil tem causado muitos conflitos e problemas para a população, sobretudo, o povo do campo. Em contraposição têm surgido organizações, como o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM) para lutar enquanto coletivo na resistência dos projetos de desenvolvimento que desconsidera a vida. Neste sentido, este artigo analisa as contribuições do MAM no enfrentamento dos conflitos e na organização coletiva na região do Alto Sertão da Bahia. O objetivo foi discutir os problemas e conflitos causados pela mineração a partir do histórico da constituição do MAM no Brasil, identificando as principais ações do movimento na região. O estudo partiu da abordagem qualitativa de pesquisa com utilização de entrevistas semiestruturadas com quatro militantes do movimento, sendo duas mulheres e dois homens. A pesquisa mostra como o trabalho do MAM no Alto Sertão vem se consolidando em meio as adversidades e desafios que os movimentos sociais enfrentam para garantir o direito à terra dos trabalhadores e trabalhadoras rurais e o respeito pela vida no campo. Os resultados apontaram que o MAM tem lutado pela soberania dos povos do campo, enfrentando os problemas junto com as comunidades e incentivado o respeito e a importância da valorização da vida em sua plenitude.

Palavras-chave: MAM. Conflitos. Alto Sertão da Bahia. Mineração.

1 PRIMEIROS PASSOS: PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Ser capaz, como um rio
que leva sozinho
a canoa que se cansa,
de servir de caminho
para a esperança.
(Thiago de Mello)

O presente estudo objetiva analisar a contribuição do Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM) enquanto referência de organização de trabalhadores no enfrentamento à exploração do capital mineral no Alto Sertão² da Bahia. Assim, pretendemos contribuir, como nos indica Thiago de Mello, com o fortalecimento do (MAM), entendendo-o como sujeito coletivo que tem, assim como o rio, conduzindo a canoa com o povo rumo à esperança de dias melhores.

¹ Aluna da Especialização em Educação do Campo pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

² É importante que se diga que a região do Alto Sertão a que se refere o presente artigo tem origem, segundo Pires (2003), aos primórdios da colonização portuguesa. Este estudo trata da exploração mineral na região que abrange os municípios de Caetitê, Guanambi e Pindaí situados geograficamente em uma parte desta região.

A luta por dias melhores faz parte da trajetória da humanidade, e, no Brasil, não é diferente, pois, como se sabe nosso país é muito extenso territorialmente, seu histórico de surgimento perpassa pelo viés de exploração e usurpação de suas terras, e, desde o período colonial a prática da agricultura sustenta nossa gente e mantém toda sociedade ligada a importância do trabalho campesino. Sendo assim, a valorização do campo como espaço de vida e de sobrevivência precisa sobrepor qualquer outro projeto de cunho capitalista que venha no sentido de expulsar e negar a contribuição da classe trabalhadora frente a defesa da vida.

Para a discussão e análise do conteúdo proposta no artigo, fez-se uso de autores e pesquisadores que se debruçam sobre a temática e que estão intrinsecamente ligados as questões que envolvem as relações de desenvolvimento das atividades minerais de empresas em detrimento da expulsão dos povos das comunidades rurais que estão na linha de frente dos interesses destas. Assim, utilizamos Monteiro (2005), que traz apontamentos sobre a nova versão da exploração mineral no Brasil; Coelho (2015), que expressa-se em relação a contemporaneidade e o cenário da mineração brasileira; Trocate, Zanon e Vieira (2015), que apontam o início a trajetória e a formação do MAM, dentre outros documentos e autores.

O uso da terra e sua exploração é inerente ao ser humano devido as suas necessidades, dessa exploração resulta sua sobrevivência, entretanto quando esta atividade enviesa pelos caminhos da ganância promovido pelo capital, destrói a vida das comunidades e das famílias e causa a expulsão dos trabalhadores do campo que precisam da terra como meio de vida e de sobrevivência. Limitar-se ao uso do espaço rural com viés de posse de suas riquezas, desrespeitando e obscurecendo seus habitantes trabalhadores, dependentes direto e indireto da agricultura de subsistência, causa inúmeros problemas sociais, e principalmente o afastamento destes que dela dependem.

A exploração exacerbada dos recursos naturais oferecido pela terra há muito tempo tem sido pauta de grandes discussões em todo território brasileiro. Nesta conjuntura, há aqueles que munido do argumento capitalista defendem a exploração ao máximo dos recursos naturais oferecidos pela terra, visando o lucro e o “desenvolvimento” a todo custo (as multinacionais, empresários, etc.), mas há também e em grande maioria os trabalhadores rurais dependentes desta mesma terra que busca no espaço do campo sua sobrevivência e o sustento de seus familiares.

É neste contexto de disputa entre projetos de desenvolvimento, de desrespeito com o ser humano, de exploração capitalista dos recursos naturais, que surge a organização de movimentos sociais dos trabalhadores, que buscam defender a vida, ajudar organizar o povo no enfrentamento dos conflitos e levantar a bandeira do direito a igualdade social. Nesta

perspectiva se insere o Movimento pela Soberania Popular na Mineração, que luta em defesa da vida no campo e pelo respeito do espaço do trabalhador, combatendo as diversas formas de injustiça com a população no cenário de exploração das riquezas naturais brasileiras e expulsão do povo do campo.

Assim, o presente artigo apresenta uma análise da contribuição do MAM no enfrentamento de conflitos no Alto Sertão da Bahia, propõe ainda, discutir os problemas e conflitos causados pela mineração no Brasil e descrever o histórico da constituição do MAM no Brasil, como movimento social que vem se destacando no cenário nacional e internacional pela luta e pela busca dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras do campo frente as grandes empresas e multinacionais em diferentes municípios de nosso país.

Apresenta-se ainda como forma de valorizar e divulgar o trabalho realizado por este movimento, que representa uma iniciativa de grande relevância nas lutas sociais para conquista de direitos dos homens e mulheres do campo, desfavorecidos socialmente e, muitas vezes, vulneráveis às grandes empresas de exploração mineral em todo país. Além disso, no contexto do *Campus XII* é o primeiro trabalho a estudar esse Movimento.

O interesse pelo tema surgiu a partir das leituras e discussões propostas pelo curso de especialização em Educação do Campo ofertado pela Universidade do Estado da Bahia, *Campus XII*, Guanambi, em que foram oportunizadas reflexões sobre os impactos da mineração na região do Alto Sertão, sobretudo nos componentes curriculares Movimentos Sociais e Questão Agrária.

O tema “A contribuição do Movimento pela Soberania Popular na Mineração no enfrentamento de conflitos no Alto Sertão Baiano”, torna-se relevante tanto no contexto do curso ofertado pela universidade quanto na própria comunidade, pois está imbricado nas questões que envolvem conflitos e conquistas do povo, principalmente aqueles que vivem no campo, além de contribuir para a divulgação das ações do MAM enquanto movimento popular de organização e luta contra o ataque de um projeto mineral desenvolvido pelo capital.

Compreender a importância dos movimentos sociais do campo é fundamental para entendermos qual o nosso papel frente aos problemas que assolam a população camponesa no Brasil, além de ajudar a compreender questões que nos inquietam e preocupam no contexto da atual conjuntura econômica e social brasileira, que está presente em nossa região. Inquietações que surgiram a partir da chegada e implementação de empresas multinacionais voltadas a exploração mineral na região do Alto Sertão, sobretudo em Caetité-Bahia.

Desse modo, este texto apresenta na parte introdutória, a questão de pesquisa, os objetivos, a justificativa e escolha do tema, bem como o percurso metodológico de realização

do estudo. Em seguida, discute sobre os problemas da mineração no Brasil, apresenta o histórico e o contexto de surgimento do MAM no Brasil e, posteriormente, traz a voz e a experiência de militantes do MAM no Alto Sertão da Bahia no enfrentamento dos conflitos com o projeto mineral, bem como as contribuições do movimento na organização e luta do povo da região.

1.1 Caminho Metodológico

Por se tratar de pesquisa que busca analisar as contribuições de um movimento social, a pesquisa foi desenvolvida a partir da abordagem qualitativa. Para Minayo (2012) esta abordagem deve estar baseada em um tripé, um pesquisador para fazer ciência é necessário trabalhar a teoria, o método e a técnica, e certificar que essa trilogia se condicione mutuamente. A autora acrescenta “que a qualidade de uma análise depende também da arte, da experiência e da capacidade de aprofundamento do investigador que dá o tom e o tempero do trabalho que elabora” (MINAYO 2012, p. 622).

Assim, buscamos incluir o tom dos sujeitos também por meio da entrevista semiestruturada como instrumento de pesquisa. Gil (1987) destaca que as entrevistas podem assumir maior ou menor grau de estruturação a depender do tipo de pergunta que aparece nos formulários, podendo ser abertas ou fechadas, quando são abertas as perguntas oferecem maior subjetividade nas respostas, ao passo que as questões fechadas não oferecem ao entrevistado a possibilidade de se expressar livremente. Por isso, o roteiro de entrevista possibilitou que os/as entrevistados/as pudessem expressar outras questões que não apareciam na entrevista.

Foram entrevistados quatro integrantes do MAM, os quais são atuantes na região do Alto Sertão baiano, o método utilizado favoreceu aos/às entrevistados/as uma maior comodidade e flexibilidade para a elaboração das respostas proferidas por eles/elas. O intuito foi coletar o máximo possível de informações acerca do tema proposto de forma que favorecesse o alcance dos objetivos propostos.

Os dados foram coletados a partir de entrevistas individuais de quatro integrantes do movimento, os quais denominamos de nomes fictícios com pedras preciosas por entendê-los/as como sujeitos importantes no processo de organização do povo. Assim, temos: participantes 1 (Quartzo), participante 2 (Topázio), participante 3 (Ágata) e participante 4 (Rubi). A escolha por estes sujeitos se deu pelo fato de atuarem na região, por ter participantes que vivem em comunidade impactada diretamente por conflito causado pela exploração na mineração, fato que os tornam também militantes do MAM.

Quanto aos perfil deles/as destaca-se que militam de dois a cinco anos no MAM, todos tem vínculo direto com o campo e atuam em outras organizações e movimentos sociais.

Ressaltamos que o estudo não tem como pretensão o esgotamento de toda discussão relacionada ao tema, “As Contribuições do Movimento pela Soberania Popular na Mineração”. Pelo contrário, a intenção é refletir sobre questões relevantes que venha contribuir no sentido de somar esforços juntamente com o movimento, tornando público um trabalho importante dedicado as causas sociais, em defesa dos trabalhadores do campo.

Para tanto, também recorreremos a pesquisa documental por entender que se o Movimento é novo, precisamos conhecer e divulgar os documentos orientadores que esse coletivo vem construindo, seja em suas assembleias, seja nas formas de comunicação, como sites e cartilhas, por exemplo.

2 OS PROBLEMAS DA MINERAÇÃO NO BRASIL: RIQUEZAS OU CONTRADIÇÃO?

O maior trem do mundo
puxado por cinco locomotivas a óleo diesel
engatadas geminadas desembestadas
leva meu tempo, minha infância, minha vida
triturada em 163 vagões de minério e de destruição.
(Carlos Drummond de Andrade)

O Brasil surge como uma nova fonte de riqueza que fomenta a cobiça e os interesses externos advindo da comunidade internacional que ansiava pela expansão territorial e pela busca de riquezas que pudesse elevar o grau de dominação e monopolização daquilo que ficou denominado historicamente de novo mundo. Segundo Galeano (1979), países como Portugal, Espanha, Inglaterra, Holanda desde de os anos 1703 já exercia a prática da usurpação do mineral brasileiro, seja pelas vias legais ou por contrabando, prática comum nesta época. É neste contexto histórico de usurpação e domínio continental eurocêntrico que estão vinculados os problemas que atingem a mineração no Brasil desde sua invasão, perpassando por gerações e gerações, impactando direto e indiretamente a vida social e econômica de muitas comunidades e a sociedade de modo geral até os dias atuais. Drummond também já chamava atenção em

1984 sobre os problemas que a mineração causa na vida de trabalhadores/as, de crianças, jovens e adultos, como nos aponta a epígrafe acima. A exploração mineral na lógica do capital desconsidera a vida, a infância e o tempo.

Segundo o MAM pode se observar claramente o quão explorado e usurpado tem sido o povo brasileiro ao longo da história de sua composição, principalmente no quesito exploração de riquezas naturais.

São mais de 400 anos de mineração no Brasil, divididos em dois grandes ciclos temporais: o período colonial, centrado na exploração de ouro e pedras preciosas, e o que se inicia em meados do século XX, tendo o minério de ferro como principal minério a ser extraído e exportado. Em nenhum desses momentos o povo brasileiro obteve êxito em imprimir um maior controle sobre a extração de um dos mais estratégicos bens naturais do país: os minerais. A exploração aconteceu e acontece de modo subordinado, inserida na lógica do capitalismo dependente, que coloca o Brasil como exportador de matérias-primas comprometendo a nossa soberania de diferentes maneiras (MAM, 2018)³.

Como dito acima, a exploração de nossas riquezas é há bastante tempo fonte de renda e de sobrevivência de muitos nobres que tomaram conta de nosso Estado⁴ por vários séculos, a manutenção desta fonte exploratória custou aos brasileiros um grande desgaste nos recursos naturais e por consequência atingiu diretamente a nossa economia. Nesse sentido, Coelho (2015, p. 9-10); afirma:

A história da mineração no Brasil sempre esteve associada a um grau de exploração exorbitante de recursos naturais e exaustivamente espoliativa à classe trabalhadora submetida a essa função. [...] com um crescente processo de violência que determinou a uma casta da sociedade ser apenas um ator social, vadio e sobranje, nas franjas de toda essa riqueza mineral.

É importante destacar que o Brasil se tornou fonte de riqueza das famílias abastadas de origem europeia e de fundamentalismo eurocêntrico que perpetuou em nosso país uma cultura desumana da exploração e de escravidão. Uma cultura fruto de um misto ideológico monárquico burguês, que encontra em nossas terras uma fonte riquíssima de produtos naturais tanto na versão mineral, como nas versões vegetal e animal. Estas famílias ao apropriar-se de tamanha diversidade natural com possibilidades variadas de usos e de exploração capitalista, consequentemente, escraviza a grande massa e destroem os recursos naturais entendidos por estes como fontes inesgotáveis de riquezas.

³ Informação retirada do site <http://mamnacional.org.br/mam/historico/>.

⁴ O sentido empregado no texto refere-se a um Estado soberano aquele sintetizado pela máxima "Um governo, um povo, um território". O Estado é responsável pela organização e pelo controle social.

Observa-se o quão equivocados estavam os exploradores das terras do além-mar. Aquilo que parecia fonte eterna e inesgotável se esvaiu diante da cobiça dos poderosos e da exploração exacerbada daqueles minerais preciosos que se encontravam em abundância as margens de rios e no interior de morros e montanhas em quase todo território nacional. É neste contexto que traduz a história a qual se denominou de primeiro ciclo da mineração no Brasil.

Coelho (2015) ressalta que na contemporaneidade o cenário da mineração brasileira perpassa pelo mesmo viés de cobiça e da exploração histórica, o pano de fundo permanece com as mesmas características, a sobreposição do capital financeiro detido pelos poderosos em sobreposição a grande massa humana trabalhadora, camuflada por uma roupagem diferenciada. O autor ressalta que O “boom mineral”⁵, que antes era as pedras preciosas, extraídos manualmente das jazidas de garimpos e de leitos dos rios, por trabalhadores escravos e ex-escravos, índios e pobres, explorado pelos especuladores latifúndios e coronéis, no século XX e XXI toma forma de minério de ferro, o ouro negro, dominado e manipulado pelas grandes multinacionais com o apoio do Estado nacional.

Nessa mesma ótica, Monteiro (2005) traz apontamentos sobre essa nova versão da exploração mineral no Brasil. O novo período da exploração dos recursos minerais em nosso país encontra na região Norte a grande oportunidade de retomada da extração de riquezas minerais em proveito do país representado na figura dos governantes e mais uma vez passada as mãos da classe dominante por meio de contratos e acordos nacionais e internacionais.

O processo de valorização industrial de recursos minerais – entendida como a agregação de valor e conversão de recursos minerais em mercadoria – na Amazônia oriental brasileira iniciou-se com a exploração das reservas de minério de manganês da Serra do Navio, no então Território Federal do Amapá (MONTEIRO, 2005, p.187).

No que se denominou de segundo ciclo de mineração no Brasil, a Região Norte se torna palco principal para instalação de empresas nacionais e internacionais que se apossaram da terra respaldado em leis estatais neoliberais com vista no acúmulo de capital e utilização de mão de obra barata e sucateamento da dignidade do ser humano.

Com a descoberta de novos minerais como o caulim da Amazônia, a bauxita metalúrgica, o minério de ferro e o ouro da Serra Pelada, o governo implantou diversos polos de desenvolvimento na Amazônia voltado para a produção mineral (MONTEIRO, 2005). Esse novo cenário de exploração com um viés de desenvolvimento acaba por transformar a vida de

⁵ “Boom mineral” expressa, segundo Coelho (2015) que a exploração da mineração no Brasil atingiu patamares inimagináveis e que praticamente todos os municípios brasileiros tem incidência de mineração.

todos os habitantes do lugar, o que não significa dizer que esta nova realidade teve impacto positivo e de desenvolvimento para estes moradores, na verdade o que se apresenta é uma história de destruição.

Para a população local os danos são infinitos perpassa pela saúde, pela dignidade e adentra ao sentimento de pertença dos moradores, uma vez, serem obrigados a deixar suas terras. Além de negligenciar as mazelas provocadas pela exploração desmedida dos minerais trazendo a contaminação dos mananciais aquíferos, o desmatamento de grandes áreas florestais e o extermínio da fauna e flora local.

A lógica que impulsionou a minero-metalurgia na região é a de assegurar sua viabilidade econômica tendo por base a garantia da utilização de vantagens comparativas decorrentes da possibilidade de acessar recursos e serviços ambientais a baixo custo, o que não a vincula à existência ou à necessidade de ela se integrar ou interagir com arranjos produtivos locais nos quais, ao lado da existência de recursos naturais, o capital humano e o social sejam elementos determinantes para o estabelecimento de vantagens competitivas que permitam processos de desenvolvimento socialmente enraizados (MONTEIRO, 2005, p.198).

É neste contexto de exploração mineral do nosso país que está inserido o objeto de estudo deste trabalho. O próximo tópico apresenta o histórico do MAM enquanto movimento que tem enfrentado a questão da exploração mineral e se preocupa diretamente em fazer parte da luta pela preservação ambiental e a busca pelo respeito da vida de homens e mulheres trabalhadores/as na construção de sua soberania popular.

3 HISTÓRICO DO MOVIMENTO PELA SOBERANIA POPULAR NA MINERAÇÃO

Como já exposto no tópico anterior, o segundo ciclo da mineração brasileira se inicia na região Norte. Assim sendo, é também nesta região que se observa os primeiros passos para a formação do Movimento pela Soberania Popular na Mineração. A história e a memória são princípios do projeto de Educação e de sociedade construído pelos sujeitos do Campo. Por isso, o propósito de conhecer a trajetória de constituição do MAM, trazendo desde as principais considerações que o movimento apresenta no seu período inicial aos dias atuais aparece como fundamental neste estudo. Ou seja, consideramos importante relatar a história, as lutas, as conquistas e as dificuldades do Movimento no cenário Brasileiro.

A história do MAM nos mostra que o movimento tem se articulado frente a essa nova realidade acerca da mineração no território nacional, mais especificamente na região Norte do país. Como vimos, a mineração aparece em ciclos no Brasil e em relação ao segundo ciclo, que

se inicia a exploração mineral no Brasil, Monteiro (2005) nos esclarece como esse período se apresenta na história brasileira.

Como o Governo Federal tinha necessidade de agilizar a instalação e o início da operação dos projetos minero-metalúrgicos, criou, em 1980, o Programa Grande Carajás (PGC). Uma tentativa de coordenar a execução de projetos já existentes na área (especialmente o Projeto Ferro Carajás, a Albras, a Alunorte, a Alumar e a Usina de Tucuruí) e de concentrar ainda mais os recursos estatais e os oriundos de incentivos fiscais e creditícios (MONTEIRO, 2005, p.190).

Ainda segundo o autor, é possível visualizar, mesmo que de maneira superficial, como se passou o período inicial do que está sendo denominado de segundo ciclo da exploração mineração no Brasil. O autor contribui no sentido de proporcionar uma reflexão que para a discussão em evidência considera-se muito relevante, trata-se da dicotomia da visão histórica da exploração mineral no Brasil, ou seja, a ótica da exploração contada na perspectiva de quem se propõe a reescrevê-la do ponto de vista da classe menos favorecida e essa mesma exploração relatada a partir da perspectiva da classe dominante.

A discussão sobre a formação do MAM está evidenciada em um trabalho realizado por Trocate, Zanon e Vieira (2015), organizadores dos textos que nos oferece informações sobre esse movimento, desde seu surgimento aos dias atuais pormenorizando toda sua história de lutas e conquistas. É importante destacar que os autores em questão são acima de tudo militantes engajados na luta contra a exploração desmedida dos minerais, defendem a soberania dos trabalhadores e trabalhadoras frente a exploração dos recursos minerais que são retirados de seus territórios ao mesmo tempo que são desrespeitados, lesados e enganados. Segundo os autores supracitados foi a partir das lutas contra a mineração após a criação do Programa Grande Carajás (PGC) pelo governo na região de Carajás no Pará que começa a surgir eventos políticos que vão dá origem ao MAM. Nesta região, devido a exploração mineral, vários movimentos são organizados a exemplo do Fórum Carajás, movimento organizado por trabalhadores rurais em conjunto com as comunidades atingidas pela exploração mineral naquela localidade. As Articulações da Via Campesina Amazonas, movimento articulado em prol da defesa dos trabalhadores do campo em luta pela não exploração exacerbada do minério na região Norte do Brasil. Articulação de padres no Maranhão e de estudantes no Pará, com os mesmos objetivos defesa da terra e da permanência do homem no campo. E ainda outros movimentos como a jornada de luta e ocupação dos trilhos da Vale, assim como o Movimento Juriti em Ação no baixo Amazonas, e a Articulação Internacional dos atingidos pela Vale. Movimentos que em

articulações na Região Norte do Brasil vão impulsionar a partir de 2010 surgimento das primeiras tentativas de debate nacional para tratar do tema da exploração mineral em todo país.

Sobre o surgimento do MAM, Glass (2018, p. 2) acrescenta que:

impulsionada inicialmente por militantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), nasceu uma articulação chamada à época de Movimento dos Atingidos por Mineração – MAM, com a bandeira de unificar as lutas das vítimas da indústria minerária. [...] mantendo a mesma sigla, mudou o nome para Movimento pela Soberania Popular na Mineração.

Observa-se neste contexto que o Movimento pela Soberania na Mineração começa sua organização a partir de outros movimentos que foram consolidando-se ao longo do tempo o que nos leva a compreender de que o MAM desde sua origem defende a bandeira do respeito à soberania do “pequeno” agricultor que tem no espaço rural sua casa, sua convivência e a sua vida, defende assim, a soberania da classe trabalhadora, na perspectiva de instrumentalizá-la para uma soberania frente aos problemas sociais no enfrentamento e na busca de direitos por seus territórios bem como a participação nos dividendos resultantes da comercialização do mineral.

Trocate, Zanon e Vieira (2015) apontam que foi nos anos de 2012 e 2013, respectivamente que aconteceu duas reuniões que culminaram na definição do nome MAM - *Movimento Pela Soberania Popular na Mineração*. No final de 2013 realizou-se o seminário Mineração e Energia com a presença de cinco países e em 2014 o primeiro curso básico Nacional do MAM que consolida o documento básico e a palavra de ordem do movimento.

É neste documento base que está proposto a estrutura e o pensamento que dá referência e sustentação ao MAM. Nele está exposto três aspectos fundamentais que “qualquer movimento social, combativo, que se insere na luta de classe da sociedade brasileira” precisa para se respaldar e ser respeitado como tal: concepção política, luta de massa e Articulação e organização (TROCATE; ZANON; VIEIRA, 2015, p. 103).

Percebe-se, tendo por base a linha de estruturação do Movimento Pela Soberania Popular na Mineração, que sua história de consolidação como movimento social é recente, aproximadamente seis a sete anos. As linhas políticas 2015 – 2017 foram debatidas e aprovadas em 2014, demonstrando que a luta é contínua. Contudo, é importante que se diga que ao consolidar o documento base do movimento elaborado após os debates nas reuniões, verifica-se entre outras coisas a preocupação em estar articulando e levando os ideais do MAM em todo território a nível local, regional, nacional e internacional. Essa afirmativa pode ser verificada a seguir.

As nossas linhas políticas 2014 – 2017, expressas no nosso plano estratégico, são amplas no sentido de assegurar as tarefas de um movimento nacional, esforçando-se para politizar as lutas de caráter local em lutas nacionais identificando os pontos comuns numa pauta de reivindicação e superação (TROCATE; ZANON; VIEIRA, 2015, p. 100).

As articulações debatidas e aprovadas no documento base do MAM definem ainda muitos outros projetos que o movimento se propunha realizar, dentre os quais a territorialização com o fim de consolidar núcleos do MAM nas regiões e em alguns Estados, elaboração de um plano de tarefas táticas, elaboração de materiais como livros, bandeiras, etc. programas de formação em nível base, consolidação da secretaria nacional. Enfim, percebe-se que a luta política social para o MAM é uma constante, nessa ótica o movimento tende ao crescimento e a consolidação, buscando a participação popular e a integração entre comunidades rurais e desenvolvimento social mais justo e respeitoso com o trabalhador do campo.

O MAM Nacional aponta diversas ações já consolidadas a partir de 2017, a exemplo das Assembleias Populares da Mineração que são momentos em que a população atingida pela exploração mineral e simpatizantes da causa se articulam, debatem, trocam experiências, reflete os problemas e propõe ações tendo como característica a sede de justiça e a soberania popular. Para o MAM⁶, é preciso ter como objetivos: “Refletir, debater e produzir uma memória política da mineração através da luta dos trabalhadores e populações em contradição com o capital mineral, com propostas de superação soberana e popular do atual modelo de mineração”. Além desses objetivos para as ações e assembleias, há também reuniões constantes nas comunidades, realizadas pelas lideranças comunitárias e integrantes do movimento.

faltou falar do documento da assembleia no Pará

Sobre o trabalho do MAM, Quatro militante do movimento, afirma que nos últimos anos o movimento tem conseguido muitas conquistas, dentre as quais aponta as organizações em vários estados, os encontros nacionais reunindo inúmeras pessoas militantes e simpatizantes da luta, trazendo discussões sobre o processo de exploração mineral na contemporaneidade, principalmente os problemas e o desrespeito com a população do campo que é a parte vulnerável na disputa por direitos, promovendo ainda reflexões e ações acerca dos projetos de mineração que estão ativos em nosso país:

Nacionalmente a maior conquista do MAM, primeiro é organizar o Comitê Nacional Frente a Mineração. No primeiro momento, a gente conseguiu barrar em 2013 a votação do novo código de mineração que traz vários retrocessos e que em 2016 foi votado, mas que, inicialmente, em 2012 a gente conseguiu barrar. Então, aquilo foi uma conquista muito grande e que a gente conseguiu

⁶ Informação coletada no site <http://mamnacional.org.br/mam/historico/>.

denunciar nacionalmente que aquilo era um retrocesso para um processo de mineração, isso foi uma vitória muito grande. E segundo, a gente está conseguindo hoje construir uma organização nacional, a gente está em mais de dezessete estados. (Quartzo, entrevista realizada no dia 11 de julho de 2018).

Dentre as lutas e desafios que o MAM vem enfrentando tanto nacionalmente, como na região do Alto Sertão, destaca-se a busca por justiça social e dignidade para a população atingida pela exploração do minério. O desastre ocorrido em Mariana, devido ao rompimento da barragem de rejeitos da Samarco em Minas Gerais, em novembro de 2015, foi o momento, que segundo Zonta e Trocate (2017, p. 7), “em que se quebrou o elo convencional e o estigma que ainda se resguardava de uma contínua contradição, de não nos percebermos como um país minerador”. A tragédia que eclodiu mais de 80 milhões de toneladas de lama tóxica no Rio Doce mostrou ao mundo a força destrutiva do atual modelo de mineração brasileiro. Em consequência, observamos que o MAM passou a atuar com maior força nas regiões atingidas pela mineração.

Outro conflito que vem sendo discutido por organizações sociais e pelo MAM são os impactos, sobretudo o adoecimento da população através da radiação causada pelas Indústrias Nucleares do Brasil (INB)⁷ na região de Caetité-Bahia, em que se opera a única mineração de urânio no país. Quartzo relata como o MAM tem incidido nesses casos para ajudar a população resistir: “tem também a INB, que é um processo mais antigo que causa vários danos e mais visível, principalmente mesmo é o adoecimento da população através da radiação”. Ele relata que o MAM tem lutado no sentido de garantir os direitos dos/as trabalhadores/as, principalmente na busca pelos direitos humanos e pela transparência na legislação ambiental.

Além disso, os impactos causados pelo projeto da Bahia Mineração, também na região de Caetité e Pindaí, no Alto Sertão da Bahia, vêm causando sérios conflitos no entorno, pois o projeto aliado a força do próprio Estado explora os minérios com o discurso de desenvolvimento sustentável, destruindo o bioma presente nestes municípios, sem respeito a vida das pessoas que residem nas comunidades, bem como dos animais e plantas nativas. Importante ressaltar que o projeto da BAMIN⁸ é o maior de minério de ferro da Bahia e está associado ao interesse de exportação por meio da Ferrovia de Integração Oeste-Leste. Ou seja, as comunidades rurais

⁷ Fundada em 1988, a Indústrias Nucleares do Brasil – S.A (INB) incorporou as empresas que faziam parte da Nuclebrás, criada para cumprir o Acordo Nuclear Brasil - Alemanha. Com o objetivo de concentrar todo o ciclo de produção do combustível nuclear – desde a mineração até a montagem e entrega do elemento combustível -, a INB foi idealizada para impulsionar a produção da energia nuclear no país.

⁸ Bahia Mineração (Bamin), empresa pertencente ao Eurasian Resources Group, do Cazaquistão, localizada em Caetité, no sudoeste baiano. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/>

estão sendo impactadas de todas as formas, pois a exploração não é apenas do minério, a estrada que antes transitava o povo deu lugar ao fluxo contínuo e desenfreado dos veículos pesados utilizados pela empresa, como aponta a Comissão Pastoral da Terra em Caetité. Mais recente (2017), as comunidades enfrentaram outra luta para barrar o projeto de construção da barragem de rejeitos⁹ entre os municípios de Guanambi e Pindaí, como explicitamos mais adiante com os relatos dos/as participantes da pesquisa.

Diante desses impactos e enfrentamentos, a luta do MAM em defesa da população do campo, nos territórios atingidos é contínua, os debates propõem objetivos de resistência e conscientização do povo, as assembleias exercem papel fundamental, representa socialmente uma forma física forte e visível, de não desistência dos trabalhadores e trabalhadoras do campo. Elas são mediadas a partir de textos e reflexões construídas pelos/as militantes que compõem o MAM, como produção de cartilhas, textos para sites, livros, entre outros. Estes textos servem de orientações nas assembleias norteando seus integrantes, favorecendo o esclarecimento e subsidiando o conhecimento dos atingidos por esses projetos de destruição da vida em comunidades. Conhecimento que se transforma em combustível para o combate em defesa de suas terras e da vida.

4 O MAM NO ALTO SERTÃO DA BAHIA: LUTAS E CONQUISTAS

Como um rio, que nasce
de outros, saber seguir
junto com outros sendo
e noutros se prolongando
e construir o encontro
com as águas grandes
do oceano sem fim.
(Thiago de Mello)

O MAM no Alto Sertão tem representado o encontro de sujeitos que tem construído um projeto coletivo de sociedade que integra uma relação de luta no contexto brasileiro, mas

⁹ O estudo de impacto ambiental para a obra da barragem, parte da estrutura da Mina de Pedra de Ferro da Bamin na região, omitiu comunidades onde moram cerca de 2 mil famílias que serão afetadas pelo empreendimento. A barragem está prevista para ser construída numa Área de Preservação Permanente (APP) onde está o Riacho da Pedra de Ferro, utilizado por comunidades rurais. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/>

também tem contribuído na luta latino-americana. Assim, a análise e a discussão dos dados coletados objetiva explicitar as vozes dos/das participantes das entrevistas acerca da questão: Como o Movimento pela Soberania Popular na Mineração tem contribuído no enfrentamento de conflitos no Alto Sertão Baiano? Assim sendo, esse tópico traz as contribuições dos sujeitos, evidenciando suas principais ideias, analisando-as à luz dos textos escolhidos para fomentar o debate neste artigo, assegurando sua contribuição para disseminação do importante trabalho do MAM no Alto Sertão e em todo território brasileiro.

Dos 4 participantes, 3 tem 3 anos de atuação no MAM e 1 tem 5 anos. A idade deles varia de 19 a 51 anos. Todos já participam de movimentos e organizações sociais há muito tempo, desde Associação rural a movimentos maiores de luta, como mencionamos no perfil dos mesmos. Segundo os/as entrevistados, o MAM já atua na região do Alto Sertão desde o ano de 2015/2016.

Os relatos das entrevistas confirmam o trabalho do movimento no auxílio e no apoio à população camponesa na busca por direitos. O Quartzo descreve o sentido do Movimento na região:

A gente é uma força que quer organizar essas comunidades, aquelas famílias e aquela população que vive no entorno, e tem as empresas que também estão disputando a consciência e a opinião daquelas comunidades no sentido de viabilizar e legitimar seus projetos. (Quartzo, entrevista 11 de julho de 2018).

Observa-se que é uma luta constante de persistência e coragem dos militantes do MAM, pois a batalha do enfrentamento é desproporcional, de um lado, os movimentos sociais e a população do campo e do outro as grandes empresas apoiadas pelo Estado. Estado que deveria zelar pelos direitos dos trabalhadores da terra que buscam seus sustentos diariamente neste território, espaço que também é alvo da ganância dos grandes empresários.

Segundo Zonta e Trocate (2016, p. 190), a contestação social da população é um risco para as empresas de mineração, assim sendo essas empresas utilizam de ações para promover a “aproximação com as comunidades, através de ações filantrópicas, investimento em projetos sociais, relacionamento institucionais, etc.”.

Para o Quartzo (entrevista 11 de julho de 2018), este tem sido um problema para o MAM quanto esclarecedor dos verdadeiros propósitos destas empresas: “o que a gente tem de acúmulo de saldo maior nesse projeto de construção é ter conseguido politizar as comunidades que esse projeto é danoso e conseguir que o projeto não tenha avanço é muito pelo processo de resistência dessas comunidades”. Assim, as ações são realizadas nos municípios e comunidades

atingidas pela exploração mineral e focam principalmente a boa imagem e os benefícios que essas trarão para o povo. Esse é um problema sério no enfrentamento dos conflitos, pois as empresas discursam que o trabalho delas é sustentável, que o foco é o desenvolvimento da região, quando na verdade, o lucro vai para um grupo estrangeiro e para a população sobra apenas os impactos negativos.

Indagado sobre o porquê do surgimento do MAM e qual objetivo no Alto Sertão, o Topázio afirma que o MAM surge devido conflitos das populações com as empresas de mineração pelo fato de violarem o direito das populações, e no caso específico do Alto Sertão, o conflito foi causado pela Bahia Mineração.

O objetivo é garantir o direito dessas populações. Que direitos são esses? Demarcação da terra, por isso a solicitação do coordenador do Desenvolvimento Agrário, ao INEMA, que apresentem estudos e vem aqui para ver a área, para conhecer tanto o território como as nascentes, que o próprio Estado não tem nenhum conhecimento. Deu uma licença ambiental sem conhecer o território. E, principalmente, políticas públicas que garantam a permanência do povo no campo, com escola no campo, com possibilidade de incentivar a produção que já existe nesse território e não projeto que vem degradar e expulsar o povo do campo para cidade que a gente sabe as suas contradições daí decorrentes, principalmente da expulsão do povo do campo. (Topázio, entrevista 17 de julho de 2018).

A fala de Topázio nos remete a um projeto de campo e de sociedade em que os sujeitos são considerados em suas especificidades, um campo enquanto espaço de vida para o povo com a garantia de políticas públicas que garantam vida digna para todos e todas. É sabido as dificuldades inerentes ao povo do campo, decorrentes da negação dessas políticas: a falta de terra, água, escola, lazer, a moradia simples, porém é em seu jeito de ser que está o diferencial dessa gente. A busca por melhores condições de vida não é necessariamente riquezas materiais e/ou a modernidade proporcionada pelo capital que os grandes centros oferecem. O espaço do campo, neste sentido, está para o trabalhador rural, assim como os grandes centros está para os empregadores e empregados urbanos, a garantia do campesino no seu habitat natural deve e precisa ser incentivado em contraposição a esses projetos de exploração mineral que preconiza de forma falsa e enganosa uma vida melhor fora do seu lugar de origem. Ágata relata que como o Movimento surgiu e busca a soberania do povo em decidir como vai ser a exploração:

Ele surgiu para garantir a soberania popular, porque nós não somos contra a exploração do minério, porque nós sabemos que tudo que nós usa hoje, na tecnologia tem minério, inclusive esse celular ai minério. Nós vamos precisar do minério, tem que ser explorar de outro jeito, não igual a empresa explora, porque eles só quer rancar o minério aqui e levar pra lá, aqui só vai ficar a

destruição, não é assim que nós queremos. Por isso o MAM surgiu para tá orientando as pessoas (Ágata, entrevista realizada em 15 de julho de 2018).

O MAM tem se mostrado essencial no combate à exploração mineral em defesa dos povos do campo. É um movimento antenado as questões sociais inerentes ao meio rural, mas não perde de vista a importância e o poder exercido pelo capital frente a sociedade atual. Diante desta percepção vem se articulando na perspectiva de combate baseando suas lutas na lei e nos direitos dos trabalhadores.

Em relação as mobilizações do MAM no Alto Sertão e como o movimento vem desenvolvendo esse trabalho de luta e organização das comunidades, Ágata coloca que: “Vem fazendo reuniões, panfletos, mostrando a realidade. Aqui mesmo na feira de Guirapá, nós tivemos um movimento onde teve pessoas de outras comunidades como Cachoeira que é bastante impactada” (Ágata, entrevista 15 de julho de 2018). Nesta direção, Topázio afirma:

A nossa principal ação foi a assembleia popular da mineração. O que significa a assembleia popular da mineração? É onde a gente reuniu todas as populações que vivem em conflito mineral para debater quais são os problemas da mineração, quem tá provocando esses minérios, esses problemas e quais soluções que o povo vai tomar. A partir disso que a gente vem construindo a unidade e articulando as ações dessas comunidades, que são várias comunidades e várias famílias que vivem em conflitos com o projeto, mas elas não estão unificadas, elas não entendem que sofrem o mesmo problema, então, a intenção do MAM é articulá-las e colocar em luta por um projeto de soberania popular da mineração. E o que é soberania nesse caso? É defesa do território e da vida, é defesa dos nossos bens naturais e o povo ter o controle e a capacidade de decidir para onde vai esse minério, para onde vai essa riqueza. (Topázio entrevista 17 de julho de 2018).

Como evidenciado nas falas, as mobilizações/ações são o carro chefe do MAM, as assembleias, as reuniões, os debates e as discussões estão sempre focados no sentido de incentivar e fortalecer a luta pela soberania da população do campo, mostra para essa gente sua força, seu “poder” é bandeira de frente do movimento. A fala do Topázio é enfática em relação ao propósito de defesa da vida. Podemos observar a diferença dos projetos de sociedade defendidos pelo movimento em contraposição a defesa do capital e das empresas.

Nesse sentido, Trocate, Zanon e Vieira (2015) afirmam que mobilizar, defender, articular, construir são os principais verbos utilizados pelo movimento que busca despertar na população das comunidades do campo a conscientização da importância da luta em defesa da terra, despertando nestes uma concepção política de força e de soberania.

O enfrentamento político e econômico despertado pelo viés social não é tarefa simples e muito menos fácil. O MAM tem enfrentado enormes dificuldades no desenvolvimento destas ações, quartzo sintetiza a problemática em sua fala:

A maior dificuldade que a gente tem é porque todo espaço do território e tudo nessa perspectiva na questão do território estão em disputa, as comunidades que a gente quer organizar estão em conflito com a mineração, igual aqui que está em conflito com a Bahia Mineração, são comunidades que tem seu território disputado [...] disputar essa força que estão aliado com o Estado que no caso das mineradoras que tem uma aliança muito forte com o Estado, com poderes públicos, o maior desafio é conseguir disputar com essas forças. (Quartzo, entrevista, 11 de julho de 2018).

Como exposto pelo Quartzo, o Estado desvia dos seus deveres e obrigações, sempre na perspectiva capitalista em desfavor da classe trabalhadora e, conseqüentemente, tem compactuado com as grandes empresas, esse que deveria ser o “braço forte” incentivador da vida no campo promove juntamente com as multinacionais um verdadeiro desrespeito e usurpação do território que pertence de direito e de posse essa população que lá sempre viveu. topázio também relata sobre as dificuldades pelo fato do povo não ter o Estado e a própria mídia do seu lado:

Uma dificuldade é porque o estado não nós ouve porque eu estou compreendendo o estado uma primeira questão é o governo do estado, porque ele tem interesse nesse projeto. Uma segunda questão são os governos municipais, ai pegando o prefeito de Caetitê, prefeito de Guanambi, porque tem dificuldade em ouvir, porque eles têm interesses nesse projeto, sem avaliar os impactos que está provocando junto as populações e, uma outra grande dificuldade o desrespeito da imprensa, ou seja, sua irresponsabilidade social (Topázio, entrevista realizada em 17 de julho de 2018).

Ressaltando a força das mineradoras em conjunto com o apoio do Estado, Rubi confirma, assim como Quartzo e topázio, algumas das principais dificuldades do MAM. “Aqui em Guirapá as pessoas acreditam nas propostas de emprego, como você ver muitas pessoas desempregadas, eles prometem emprego, então as pessoas têm medo de questionar de cobrar até mesmo de participar de reuniões” (Rubi entrevista 15 de julho de 2018).

Além dessas questões, observamos a própria ocupação da terra por esses grandes projetos. Segundo Beni, um dos primeiros conflitos observados com a Bahia Mineração, por exemplo, foi porque “para ela construir o projeto ela se apropriou de mais 5.000 hectares de terras, segundo estudos que a Pastoral da Terra já levantou” e ao se apropriar da terra, interfere na cultura e na vida das comunidades tradicionais. Por isso, a intenção dos movimentos sociais não está apenas no incentivo da luta contra a degradação ambiental, contra o desrespeito com o

povo do campo e o abuso de poder das empresas, o enfrentamento perpassa ainda pelas falsas promessas de emprego, moradia nova, melhores escolas para os filhos. Ágata, ex-moradora da comunidade e militante vivenciou essa realidade:

Tem muita gente que acha que a empresa vai ser um grande negócio aqui na região, vai gerar muito emprego, isso que a empresa traz, mas é mentira. Não vai gerar emprego para ninguém, vai trazer mesmo é prejuízo, vai dar emprego para alguns, mas não vai dar pra todo mundo, porque nós saímos de lá, **a empresa prometeu mares de rosa, mas nós só tomamos espinho** (Ágata, entrevista, 15 de julho de 2018, grifos nossos).

Diante das adversidades e das dificuldades, o movimento pela soberania do povo do campo se fortalece e se enraíza seus objetivos vem sendo esclarecidos a cada reunião, a cada assembleia, a cada encontro promovido pelos seus militantes nos municípios e nas comunidades atingidas pelo problema da exploração mineral. É consenso entre os entrevistados que muito se tem conquistado até os dias atuais, contudo compreendem que ainda há muito a ser conquistado.

Nós tivemos conquistas, porque lá, já estava fazendo a pesquisa da barragem de rejeito já tinha cortado algumas árvores e nós conseguimos barrar isso aí, entramos com a Promotoria Pública de Salvador, tivemos reuniões lá em Guanambi, nós inclusive tivemos lá no INEMA em Guanambi, nós ficamos o dia todo esperando uma resposta, foi Ministério Público Federal e Estadual isso foi uma conquista muito grande porque até hoje a empresa não consegue mobilizar, nós tivemos algumas reuniões lá em Salvador, tivemos Fórum Mundial teve a oportunidade de conhecer outras pessoas de outros lugares que não era daqui do Brasil isso é uma experiência muito grande. (Ágata, entrevista, 15 de julho de 2018).

Presenciou-se recentemente um desastre ambiental, social e econômico sem precedentes qual seja o rompimento da barragem de rejeitos em Mariana Minas Gerais, diante disto pode-se deduzir o eminente perigo que esses tipos de projetos trarão em um futuro próximo para as regiões em que estão instalados. Os militantes do MAM reafirmam o sentido da luta ao dizer que a partir das assembleias, das reuniões e encontros nas comunidades, locais em que estão previstos a construção de barragem com esse propósito de retenção de rejeitos, muito tem se conseguido em prol do impedimento da implementação desse projeto na região entre Caetité, Guanambi e Pindaí. topázio aponta que aqui no Alto Sertão o impedimento da barragem de rejeito foi uma das maiores conquistas do MAM:

O MAM a partir deste trabalho de formação e organização, o território que hoje é de luta por parte das comunidades de João Barroca, Baixa Preta, Cachoeira e etc., não foi ainda construído a barragem de rejeito que iria destruir 32(trinta e duas) nascentes, ia deixar esse povo todo sem água, devido a mobilização desta comunidade, somente com isso que a gente conseguiu

contestar o INEMA e ele agora está tentando avaliar o estudo. Somente a partir da luta das comunidades que o Ministério Público vem interferindo nessa problemática (topázio, entrevista 17 de julho de 2018).

A fala do Topázio nos faz compreender como a luta e a organização coletiva são importantes no enfrentamento dos conflitos e na garantia dos direitos do povo. O Quartzito acrescenta que “[...] ter conseguido politizar as comunidades de que esse projeto é danoso e conseguir que o projeto não tem avançado é muito pelo processo de resistência dessas comunidades”(entrevista dia 11 de julho de 2018).

Percebe-se neste sentido, que o MAM desenvolve um grande papel social frente a estas comunidades, contribuindo no fortalecimento das pessoas no sentido de resistir às adversidades. As conquistas são sociais em prol do trabalhador do campo, como dito nas falas dos entrevistados, é preciso a mobilização, a militância é um desafio, esclarecer para as comunidades rurais suas potencialidades, sua força é trabalho árduo, mas, ao mesmo tempo, gratificante. O MAM propõe o desafio de tornar a luta pela soberania dos povos do campo mais visível, enfrentando os problemas junto com as comunidades, esclarecendo os interesses reais do capitalismo e incentivando o respeito e a importância da valorização da terra pelos trabalhadores, quem a pertence por direito.

5 A CAMINHADA CONTINUA: PALAVRAS FINAIS

Cantamos porque o grito só não basta
e já não basta o pranto nem a raiva
cantamos porque cremos nessa gente
e porque venceremos a derrota.
(Mario Benedetti)

A ideia de vida digna no campo, de convivência familiar e de sobrevivência na terra permeia toda concepção política do MAM, desde seu surgimento apresenta-se como um movimento popular que busca atuar diretamente com as comunidades e as famílias que sofrem com o desrespeito do direito à terra e com as mazelas sociais advindas da ganância da própria sociedade e das grandes empresas. O voluntariado e a juventude de seus militantes tornam o movimento ainda mais consistente e mais forte, o gosto pela militância e o entusiasmo é percebido claramente nos entrevistados que faz de seu dia-a-dia uma constância de trabalho, de reuniões e de decisões, momentos em que se articulam e se preparam estrategicamente para o enfrentamento. Os/as militantes reafirmam o tempo todo o compromisso deles com a vida do

povo, que eles/elas continuam cantando porque acreditam na conquista da vitória da classe trabalhadora.

A bandeira sustentada pelo MAM é a soberania popular dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, a luta por este objetivo fortalece o movimento e atrai novas lideranças, pessoas que já tem um histórico de participação em outros movimentos sociais, mas que entendem a necessidade da união de forças para o fortalecimento da luta contra as injustiças que tornam cada vez mais frequente na vida do povo do campo.

Através das entrevistas realizadas com os militantes do movimento e com os estudos realizados sobre o tema, foi possível chegar a algumas conclusões que são importantes para o esclarecimento de eventuais dúvidas que possam surgir ao se debruçar sob a leitura do artigo, Quanto ao problema que se propôs investigar: Como Movimento pela Soberania Popular na Mineração tem contribuído no enfrentamento de conflitos no Alto Sertão da Bahia? Pode-se elencar diversas ações que o MAM vem desenvolvendo que contribui e tem contribuído significativamente para o enfrentamento de conflitos na região do Alto Sertão da Bahia. Qual seja, as assembleias, reuniões, encontros, debates, ocupações em repartições para fins de respeito a direitos, ações em uma perspectiva do incentivo a soberania do povo do campo e da valorização do território mantendo suas bases rurais.

É notório na fala dos entrevistados que dentre os objetivos do movimento o principal deles é tornar o povo do campo soberano e consciente em suas decisões, de modo que valorizem seus territórios a ponto de defendê-lo e conservá-lo mesmo que para isto tenha que enfrentar grandes barreiras. O MAM partindo deste princípio vem realizando junto as comunidades rurais, muitas reuniões, palestras, encontros, tem estado frequentemente com as famílias debatendo nas associações comunitárias, grupos de mulheres, assembleias municipais e assembleias nacionais. Como relatados pelos participantes das entrevistas, um trabalho de formação e organização do povo do campo, uma luta que tem apresentado conquistas relevantes e concretas para as comunidades que tem seus territórios invadidos.

Os movimentos sociais são ricos em sua completude, os objetivos, as razões de ser e de existir inspira, envolve e impressiona a quem os estuda. Os conhecimentos adquiridos por meio das leituras, das aulas do curso, das entrevistas nos permite afirmar de forma segura e objetiva que muito aprendi sobre os movimentos sociais e em específico sobre o MAM, tema pelo qual me propus a discutir, porém com a convicção de que tenho muito a aprender. Sinto-me grandemente contemplada com o aprendizado extraído das reflexões que nortearam a elaboração deste artigo.

Nessa ótica, entendo que a pesquisa e o estudo são essenciais para a descoberta e conhecimento dos mais variados temas que envolvem os movimentos sociais e consciente de que a elaboração deste artigo é apenas um primeiro passo, a pretensão é de aprofundamento da temática tanto para o conhecimento individual, como para contribuição com estes movimentos que muito se faz necessária no contexto social contemporâneo o qual vivencia o nosso país e o mundo. Em tempos de avanço do conservadorismo, de criminalização dos movimentos sociais, de avanço do capital no campo e de tantas mazelas que assombra a classe trabalhadora, é preciso estarmos fortes e organizados para resistir e construir uma sociedade em que o povo tome seu destino nas mãos.

É também de fundamental importância o esclarecimento da sociedade em relação a situação a qual se encontra o nosso país, instrumentalizar, fomentar o diálogo, o debate de ideias é um dever de cada um de nós cidadãos seres pensantes. É preciso mostrar à população que mesmo no momento de crise, de atitudes ilegítimas de muita contradição e de muita instabilidade econômica, política e moral é possível se organizar para enfrentar os desafios. Faz-se necessário o discernimento do que verdadeiramente este momento histórico representa para cada grupo social e para cada um de nós trabalhadores e trabalhadoras.

REFERÊNCIAS

COELHO Trádzio Peters. **Projeto Grande Carajás: trinta anos de desenvolvimento Frustrado**; organizadores: Marcio Zonta, Charles Trocate, Marabá, PA: Editorial Iguana, 2015.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**: tradução de Galeano de Freitas, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979 (estudos latino-americano, v.12) Do original em espanhol: Las venas abiertas da America Latina.

GLASS, Verena. **A mineração e a consciência de um povo. 2018**. Disponível em: <<http://mamnacional.org.br/2018/05/30/a-mineracao-e-a-consciencia-de-um-povo/endereco>>. Acesso em: 12/07/18.

MAM NACIONAL. **Histórico**. Disponível em: www.mam nacional.org. Movimento Pela Soberania Popular na Mineração. Acesso em: 10/02/18

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. 2012, vol.17, n.3, pp.621-626. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?> Acesso em:09/07/18

MONTEIRO Maurílio de Abreu. Meio século de mineração industrial na Amazônia e suas implicações para o desenvolvimento regional. **Estudos Avançados**. vol.19 no.53 São Paulo Jan./Abr. 2005.

PIRES, Maria de Fatima Novaes. **O Crime na Cor**: escravos e forros no alto sertão da Bahia.(1830/1888). Annablume/Fapesp. São Paulo 2003

TROCATE Charles, ZANOM Maria Julia e VIEIRA Jarbas (Orgs.). **Elementos Constitutivos do MAM**: Movimento Pela soberania Popular na Mineração. Marabá, PA: Editorial Iguana, 2015.

TROCATE, Charles et all (orgs). **Poema mineral**. Movimento Pela Soberania Popular na Mineração. Marabá, Pará, 2018.

ZONTA Marcio, TROCATE Charles. **Antes fosse mais leve a carga**: reflexões sobre o desastre da Samarco/Vale/BHP Billiton. Marabá, PA: editorial Iguana, 2017.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

TÍTULO DO ESTUDO: A contribuição do Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM) no enfrentamento de conflitos no Alto Sertão Baiano

Pesquisadora: Vanusa dos Reis R. Azevedo **Orientadora:** Eugênia da Silva Pereira

ROTEIRO DE ENTREVISTA

IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Codinome (nome que gostaria de ser identificado/a): _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Idade: _____ anos

Estado civil: () solteiro/a () casado/a () divorciado/a () viúvo/a () outro: _____

Possui filhos? () Sim Quantos? _____ () Não

Em relação à cor, você se declara: () Branco/a () preto/a () pardo/a () amarelo/a () sem declaração.

Qual é a sua profissão? _____

Participa de algum outro movimento ou organização social? () sim () Não

Se sim, qual ou quais? _____

Se participa, há quanto tempo? _____

Município onde mora: _____

SOBRE SUA FORMAÇÃO PESSOAL

Qual é a sua formação? _____

Onde é/foi realizada? _____

SOBRE CONHECIMENTOS RELACIONADOS À SUA ATUAÇÃO NO MAM (MOVIMENTO PELA SOBERANIA POPULAR NA MINERAÇÃO)

1- Em sua opinião, quais os maiores problemas e conflitos desencadeados a partir da exploração da mineração na nossa região?

2 - Quanto tempo que o MAM atua na região?

3 - Por que surgiu? Qual o objetivo no alto sertão Baiano?

4 - Quais as principais ações do MAM no alto sertão?

5 - Quanto tempo você milita no MAM?

6 - E o que fez você se inserir neste movimento?

7 - Como o MAM vem mobilizando as comunidades e o povo do campo?

8 - Quais as principais dificuldades para desenvolver esse trabalho de mobilização?

9 – Há conquistas do povo nesse processo de mobilização organizado pelo MAM? Se sim, quais você destaca?
